

Programa de privatização deve ser mantido

Para Demósthene, investidores não vão deixar de participar dos leilões por causa da crise das bolsas

DENISE NEUMANN

e LILIANA HAGE

O diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Demósthene de Madsen Pinho Neto, disse ontem que o cronograma das privatizações não deve ser alterado. Os grandes investidores, ponderou, não vão perder a possibilidade de participar da privatização de Telebrás, Eletrobrás e da infra-estrutura por causa do movimento "intenso" de correção de preços observado no mercado de capitais na semana passada. "Estamos falando de algo mais estrutural, mais profundo", ponderou.

Pinho Neto falou em uma conferência por telefone organizada pela corretora Merrill Lynch para investidores internacionais. O principal foco de atenção dos investidores foi o andamento das reformas e o programa de privatização. Pinho

Neto salientou o empenho do presidente Fernando Henrique Cardoso com as reformas. "Nos últimos dias, o presidente está discutindo diretamente esse assunto com líderes políticos, com o Congresso, com membros de sua equipe de ministros", disse. "Um forte sinal de empenho com as reformas está sendo dado pelo Brasil."

O País, disse, "tem um sistema financeiro muito sólido". "A magnitude da nossa intervenção pode ser interpretada como um sinal de que o BC não tem dúvida sobre a saúde do sistema financeiro." O Brasil não sofreu ataque especulativo na semana passada, segundo Pinho Neto. Para ele, quando acontecem esses ataques, são fenômenos isolados e localizados. "Foi o que aconteceu no Chile, em 82, e no México, em 94, não foi o que aconteceu na semana passada."

Pinho Neto classificou a crise nas bolsas como "intenso pânico fi-

nanceiro" criado pela correção dos ativos e foi ampliada pela atuação dos fundos mútuos. "Os administradores foram forçados a realizar vendas agressivas e os ativos em Nova York voltaram para um nível mais razoável." Embora acredite que a turbulência já passou, ele admite que a instabilidade dos mer-

cados continua. "Houve perdas em todos os lugares do mundo e, por isso, os mercados ainda vão se comportar assim até voltar a um equilíbrio, em algumas semanas."

Ele também procurou mostrar o empenho do País na busca de solução para o déficit fiscal. "Cortes no Orçamento estão sendo feitos." Pinho Neto evitou comentários mais diretos sobre a política monetária ou cambial, assuntos mais ligados à atuação do BC. Falando da melhoria dos "fundamentos da economia brasileira", citou que o Brasil registra redução do déficit fiscal consolidado do setor público de 4,7% do PIB.

SISTEMA
FINANCEIRO É
SÓLIDO, DIZ
DIRETOR